

# DIÓGENES, O CÃO

•

PAUL HERVIEU



## CAPÍTULO PRIMEIRO

### I

Por volta do ano 412 antes da era cristã, Iceso, um abastado banqueiro de Sinope, havendo levado a sua mulher aos altares de Ilitia<sup>(1)</sup>, tornou-se pai de um rapaz. Quis dar-lhe o nome de Diógenes e fez valer o seu direito. A sua mulher teria preferido o nome mais harmonioso de Alcátoo, mas viu-se obrigada a reconhecer que era apenas a mãe.

Tudo leva a crer que o garoto viveu os seus primeiros anos como os demais. Teve escarlatina, cólicas e dores de dentes.

Após o que, tendo começado a desenvolver os seus instintos, começou naturalmente a segui-los. Deliciava-se com mel e detestava ruibarbo; quando estava feliz, entregava-se a gargalhadas sonoras; chorava quando o contrariavam. Tudo isto levou a que fosse açoitado bastas vezes pela mãe.

---

(<sup>1</sup>) Na Grécia Antiga, a deusa Ilitia era a protectora dos partos.  
(N. T.)

Vendo-o, por fim, em idade de entender as brincadeiras e com elas se divertir, o seu pai, negociante afável mas sisudo, levou-o a um mestre-escola, dono de um pequeno casebre onde, durante dez anos, Diógenes passou as horas formosas que o sol concede ao homem, rei da natureza.

E, destarte, alcançou ele os seus dezoito anos. Era então moreno, escoreito, bem constituído, irradiando força e juventude. Sabia ler, escrever, calcular e erguer-se no trapézio com a força dos músculos. Por isso, o pai pô-lo à frente da sua casa bancária, o que deu a Diógenes ideias de arranjar uma amante.

Não tardou em encontrar, à porta do teatro de Sinope, uma velha cortesã, chamada Nicídia, que todos aqueles mais experientes em devassidão haviam já visto emborrachada e nua. Amaram-se de um amor louco. Diógenes pegou-se com os seus grandes amigos por amor de Nicídia, que o enganara; Nicídia quis afogar-se no rio Hális por amor de Diógenes, que a espancou cruelmente.

Mas a felicidade não é eterna cá na Terra!

A pobre Nicídia morreu subitamente de uma indigestão; e Diógenes mandou construir um túmulo soberbo, em cujo frontão foi gravado, no mármore, um verso muito belo, de sua composição, que dizia:

«Choro, pois voou um passarinho.»

Por essa época, e para se distrair, foi consultar o oráculo de Delos<sup>(2)</sup>, pátria de Apolo. A Pítia, ao ser invocada, respondeu-lhe: «Muda a moeda». Os comentadores são unânimes em reconhecer que esta frase significava: «Não ajas como os outros homens».

Diógenes compreendeu simplesmente que o deus, nos seus insondáveis desígnios, o exortava a corromper o valor do dinheiro. Fez a coisa à grande, por via dos meios que a sua posição de banqueiro público lhe permitia.

Isto provocou uma agitação no povo. Foi apresentada uma queixa. Enquanto era feita a instrução do caso, Diógenes pôs-se em fuga. Mas a hora da justiça havia chegado: encarceraram o seu velho pai numa prisão estreita, para o resto dos seus dias.

## II

No terceiro ano da 98.<sup>a</sup> Olimpíada, ao vigésimo-oitavo dia do mês Hecatombéon, a capital da Ática celebrava as esplendorosas festividades das Grandes Panateneias.

Lá pelo meio-dia, a multidão dirigia-se para o bairro Cerâmico Exterior. Aí, por entre os pórticos e

---

(<sup>2</sup>) Ilha do mar Egeu, onde a tradição dizia ter nascido o deus Apolo. Não confundir com a cidade de Delfos, na Fócida. (N. T.)

os túmulos, ao fogo cintilante do sol, preparava-se o cortejo da procissão do peplo<sup>(3)</sup>.

À cabeça, tinham lugar as jovens virgens que seguravam, nos seus braços desnudos, as *phialai*<sup>(4)</sup>, os cestos e as ânforas; atrás delas, e trajando uma túnica ligeira, alinhavam-se belos rapazes.

O centro do cortejo estava reservado aos guerreiros, que, para dançarem a pírrica, se tinham coberto com as suas armaduras pesadas. No meio deles, os Praxiérgidas<sup>(5)</sup> transportavam, na ponta de quatro lanças, o novo peplo, no qual estava bordada a vitória dos Atenenses contra os Atlantes «vindos das portas da noite», e com o qual iam adornar a estátua de madeira «caída do céu».

Por fim, atrás desta falange sagrada, alguns belos anciãos, chamados Talóforos por transportarem ramos

---

(<sup>3</sup>) O peplo era uma túnica feminina, na qual se bordavam diversos motivos mitológicos. Aquando do festival das Grandes Panateneias, era levado um peplo em procissão a uma estátua de Atena. A palavra Panateneias tem o significado de «festa em comunidade à deusa Atena». (N. T.)

(<sup>4</sup>) As *phialai* (φιάλαι) eram recipientes em forma de prato, próprios da cultura grega, com ilustrações gravadas. (N. T.)

(<sup>5</sup>) Os Praxiérgidas eram um grupo social, um *genos* (γένος) – espécie de casta ou grande família aristocrática –, a quem fora atribuída a função de transportar o peplo e com ele adornar a estátua de Atena, durante a procissão das Grandes Panateneias. (N. T.)

de oliveiras<sup>(6)</sup>, preparavam-se para a marcha em passo venerando.

Por entre o Areópago e a colina do Pnyx, a procissão dirigia-se para a ágora e atravessava-a, no meio de uma grande afluência de gente; e, alcançando o propileus, subia a magnífica escadaria de mármore coroada pela Acrópole, com o Pártenon e a estátua de marfim e ouro, esculpida por Fídias, que tinha por nome «Atena, combatendo na frente de batalha».

A cerimónia solene incluía ainda jogos gímnicos e hecatombes<sup>(7)</sup>.

Os poetas de olhar inspirado vinham recitar em público as suas estrofes, nas quais troavam versos magnânimos, nas quais o ritmo cantava languidamente.

---

<sup>(6)</sup> Em grego antigo, a palavra Talóforo significava aquele que «transporta ramos de oliveira» (do verbo *phéro*, φέρω – transportar; e do substantivo masculino *thallós*, θαλλός – ramo). A oliveira tinha um peso mitológico importante na cidade de Atenas. Acreditava-se que fora a deusa Atena quem introduzira esta árvore na Ática – ao fazer crescer, no cimo da Acrópole, a primeira oliveira do país. Na *Constituição dos Atenenses* (60.2), Aristóteles relata-nos que existia um conjunto de oliveiras sagradas, as *moríai μορίαι*), vigiadas e protegidas pelo Estado. Podia ser aplicada a pena de morte a quem tentasse abater ou causar dano a essas árvores. (N. T.)

<sup>(7)</sup> Na cerimónia das Grandes Panateneias, após a procissão do povo, faziam-se hecatombes ('sacrifícios de cem bois') aos deuses e jogos gímnicos (competições atléticas diversas). (N. T.)

O tema habitual do concurso era o panegírico de Harmódio, que matara Hiparco, e o elogio do seu amigo, Aristogítton, que com todo o gosto teria apunhalado Hípias, na flor da idade.

Ateneu deixou-nos a seguinte canção, feita em sua honra:

«Carregarei a minha espada coberta de folhas de murta, tal como Harmódio e Aristogítton fizeram quando mataram o tirano e estabeleceram a igualdade das leis em Atenas.

»Querido Harmódio, ainda não estais morto: conta-se que repousais nas ilhas dos bem-aventurados, onde estão Aquiles de pés velozes e Diomedes, esse valoroso filho de Tideu.

»Carregarei a minha espada coberta de folhas de murta, tal como Harmódio e Aristogítton fizeram ao matarem o tirano Hiparco, no templo das Panateneias.

»Que a vossa glória seja eterna, querido Harmódio, querido Aristogítton, pois vós matastes o tirano e estabelecestes a igualdade das leis em Atenas.»

Os ouvintes aplaudiam em êxtase; e os seus sufrágios<sup>(8)</sup> concediam ao feliz vencedor uma ânfora de azeite e uma coroa de oliveira.

---

<sup>(8)</sup> O exercício do sufrágio e as decisões tomadas em comunidade eram característicos dos Atenienses. Votava-se e deliberava-se em conjunto, a propósito dos mais ínfimos assuntos quotidianos. (N. T.)

Depois disto, tinham lugar banquetes imensos e religiosos. E, ao cair da noite, as festividades terminavam pelas lampadodromias, o mesmo é dizer pelas corridas de archotes, que iam das portas da cidade até ao templo de Prometeu.

Assim decorriam, no terceiro ano da 98.<sup>a</sup> Olimpíada, as esplendorosas festividades das Grandes Panateneias, em honra de Palas.

Nesse dia, Diógenes, de alma tranquila, testa erguida e corpo livre, entrara no Pireu.

Teve a sorte de os oficiais do porto haverem tido de se empenhar na repressão dos tumultos que, amiúde, eram gerados por aquelas cerimónias imponentes, oferecidas à deusa da sensatez.

Pôde introduzir-se na cidade sem ter de justificar as suas origens e em poucas horas pôde travar inúmeras relações entre a juventude, que tantas festividades deixavam de bom-humor.

### III

No decorrer de um ano inteiro, Diógenes levou a vida faustosa de um sátrapa, graças a todo o ouro que trouxera consigo.

Esforçou-se por cair nas boas graças daquela cidade espantosa, onde os soldados de Maratona e de Salamina tinham aprendido o manejo das armas; onde ainda se